

ESCOVANDO OSSOS

Manoel de Barros fala sobre seu primeiro livro em prosa, uma narrativa de suas memórias. Por José Castello

Tudo o que não é invento é falso

A advertência estampada na abertura dessas memórias inventadas já anuncia a inversão que o poeta Manoel de Barros promove com as palavras. “Tudo o que não invento é falso”, ele diz. Não se trata de um mero jogo de palavras. Manoel de Barros é um poeta ciente da verdade contida na imaginação, que deve ser pessoal, particular, e não mecânica, ou banal. Este é seu primeiro livro de prosa. A afirmação do gênero, contudo, não deve ser tomada como um atestado da ausência de poesia. “O livro é de prosa em versos e de poemas em prosa”, descreve, quebrando a barreira que delimita os gêneros literários.

Manoel não escreve pensando na história da literatura, em seus “avanços”, em suas “fases”, em suas “premiações”. Em vez disso, busca uma relação primitiva com as palavras, uma inocência perdida, que talvez só as crianças sejam, realmente, capazes de exercer. Menino, ele se surpreendeu ao ver um arqueólogo “escovando um osso”, em

busca de vestígios de civilizações antigas. Então, espelhando-se, decidiu “ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras”, e se tornou poeta.

Aos poucos, como diz em “Obrar”, Manoel aprendeu a “não desprezar as coisas desprezíveis”. Exatamente como um arqueólogo, que se acostuma a valorizar marcas imperceptíveis, vestígios quase nulos, por entender que neles está guardada a verdade. Em “Desobjeto”, ele descreve o susto de um menino (ele mesmo?) que, cavando em seu quintal, esbarra com um resto de pente. O que o assombra é que “o pente estava próximo de não ser mais pente”. Ao poeta, interessam esses objetos terminais, em estados limítrofes, ou de mera putrefação, quando, ao se desfazer, as coisas revelam seu interior.

No colégio, sempre que o menino era apanhado em “pecado solitário”, o padre o colocava de castigo defronte da parede. Na primeira vez, foi obrigado a decorar cin-

qüenta linhas do Sermão da sexagésima, de Vieira — mas, deliciado, terminou lendo o sermão inteiro. Depois, o castigo foi decorar parte do Sermão do mandato. Passou a admirar os castigos, e a tomá-los pelo que não deviam ser, como prêmio.

Em “Fraseador”, Manoel de Barros relata sua descoberta da poesia. “Hoje completei oitenta e cinco anos. O poeta nascera de treze”, escreve. Naquela idade, escreveu uma carta aos pais explicando que já descobrira sua vocação: não queria ser doutor, e sim “fraseador”. Um especialista em frases. Com a avó, o menino aprendeu o gozo conferido pela manipulação das palavras. Versada em regências verbais, a avó disse sobre o neto: “Ele foi estudar no Rio e voltou de ateu”. Manoel comenta: “Como quem dissesse no carnaval: aquele menino está fantasiado de palhaço”. Aquele de deslocado fazia, da preposição, um chiste. As palavras não são tão sérias, ele pôde entender. E assim aprendeu a brincar com elas.

Aprendeu também que uma sentença, um significado pode ser todo revirado pela manipulação de uma pequena sílaba. Passou a apreciar, assim, as “coisas desimportantes”. Manoel escreve: “Não gosto das palavras fatigadas de informar. Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão, tipo água, pedra, sapo”. A partir daí, passou a “gostar de brincar com palavras, mais do que de bicicleta”.

A valorização das miudezas está expressa, de modo veemente, em “A Rã”. É a história de uma rã que se julgava mais importante que o rio Amazonas. Afirmava estar ali “bem antes do rio fazer leito para passar”, e por isso o tempo lhe dava precedência. “Portanto, era o rio Amazonas que passava por ela”, Manoel de Barros conclui, saboreando o mais sedutor dos poderes conferidos pela função poética, o de inverter, revirar e subverter os valores da realidade.

Mas essa subversão não deve ser gratuita, ou o poeta se converterá apenas num jogador de palavras. “O tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas”, afirma ele em “Achadouros”. Valem, para o poeta, as descobertas que causam impacto e que alteram uma maneira de ver. Como a do menino do interior, algum pequeno Manoel que, depois de visitar a cidade grande pela primeira vez, declarou: “Não vi nenhuma coisa mais bonita na cidade do que um passarinho”.

Manoel de Barros fez questão de dar a entrevista que se segue por escrito. Para um poeta que julga a linguagem mais importante que o tema, que o conteúdo, não poderia haver decisão mais sábia. Só assim, na fixidez da palavra escrita, seu estilo fica preservado, fica inteiro. Ao enviar as respostas, ele anexou um rápido bilhete à mão. Nele se desculpa, preocupado se suas respostas não foram sérias o bastante.

“Eu tenho medo de ser sério demais”, argumenta. “Ser muito sério dá em conspícuo”. A poesia, para Manoel de Barros, é uma maneira de não deixar morrer o menino que ele foi. E que ainda é. A edição de “Memórias Inventadas” publicada pela Planeta, acondicionando folhas soltas numa caixa de papelão, é uma celebração inspirada deste desejo.

Valor: *Este é seu primeiro livro em prosa. O que é a prosa para um poeta? Se ela fosse um bicho, que bicho seria?*

Manoel de Barros: O livro é de prosa em versos e de poemas em prosa. Eu quisera provar a mim mesmo que: retirar da linguagem o banal faz poesia. Depois é procurar o equilíbrio sonoro das letras, das palavras, das frases. Quero dizer: produzir harmonia. Produzir imagens, na prosa ou no verso, faz



poesia. O ritmo é cortado por um ponto, ou por um corte. Se a gente desconstruir a linguagem com os nossos adocimentos psíquicos a poesia aparece melhor e mais particular. A poesia é esse bicho sem boca. E que, entretanto, canta.

Valor: *O senhor já anuncia no título que são memórias inventadas, portanto, ficção, mentira. O senhor já pensou em escrever memórias*

não inventadas? Acha que alguém consegue realmente escrever isso?

Barros: Em literatura, as memórias não inventadas seriam apontamentos, informação sobre a vida de uma pessoa. Memórias literárias têm que entrar imaginação. Se a imaginação, que produz imagens, as memórias serão apontamentos sobre uma vida. Nunca obra literária. A imaginação não agüenta o que é real.

O escritor Manoel de Barros: “Não gosto das palavras fatigadas de informar; dou mais respeito às que vivem de barriga no chão, tipo água, pedra, sapo”, afirma